

Onde a geografia está nua?

Eguimar Felício Chaveiro

Onde eu moro chove o ano todo.

Aliás, chove décadas, décadas, décadas seguidas com pequenos intervalos para tocar flautas no terreiro.

Chove como se, do céu e da terra, só houvesse chuva para comer e para lambar. É inexplicável, mas é o que é:

onde eu moro não há uma casa sem jardins, pois chove.

Nenhuma rua com vidros nos muros.

As flores, tantas flores, quase promovem um golpe: elas estão subindo às paredes, permeando as calçadas, infiltrando nas esquinas, perfumando o palácio da prefeitura. O prefeito até assina o decreto, mas quem governa é a chuva... A chuva é o prato nobre das paisagens – isso é o que se vê, é que se sente, é o que se comenta. Recomenda-se o juiz, o padre, o pastor, a moça inteligente e o professor de estética kantiana: para degustar bem a chuva convém fechar os olhos. Onde eu moro só há um partido: os que defendem o casamento da chuva com a luz. Entretanto, o que mais destaca, onde eu moro, isso é a notícia emitida por passarinhos andarolantes no céu, é que todos estão curados. Onde eu moro o ar tem o hálito de Elis Regina cantando “*como os nossos pais*” e de Piaf, emocionada, na última nota de “*la vie en rose*”. Mas vejamos: esse jeito de falar, caindo pelas metáforas, é o idioma de onde eu moro.

Onde eu moro é justo e bom; suave e esperançoso.

É um país à parte, quase um cometa vermelho.

É a galáxia de meus amigos, de minhas amigas.

É também o meu delírio.